

*Mercado Municipal — ou  
mercado do rand.*

T(202) 4/8/79



EM MOÇAMBIQUE

# QUANTO VALE O RAND?

Desde há bastante tempo que a moeda metropolitana e a estrangeira, especialmente dos países vizinhos, são alvo de desenfreada procura em Moçambique. Especificamente no que se refere ao rand, o assunto toma aspectos deveras alarmantes face aos altos valores por que chega a ser transaccionado no mercado negro. Mas, quem quer vender e quem quer comprar rands? E porque o faz? Ainda, quanto vale, aqui e agora, o rand em relação ao escudo moçambicano?

*Quando se estendem  
duas mãos, muitas ve-  
zes são trocados escudos  
por rands. E negócio  
que interessa a alguns.*



# FUGA DE CAPITAIS COMEÇA NO "M

Importante se torna desde já esclarecer que a recolha de elementos para o presente trabalho começou a ser efectuada antes da data histórica de 25 de Abril. Quer isto dizer que, quando solicitámos alguns dados ao responsável pelo sector que regula as transferências de capitais, os mesmos nos foram recusados com a alegação de só poderem ser fornecidos aos interessados.

Entretanto, a situação mudou por completo. E cremos ter deixado de existir qualquer motivo impeditivo para que possam continuar a ser ocultados elementos sobre matérias que necessitam ser do conhecimento geral e não, como até aqui, de apenas alguns. Significa isto que reivindicamos desde já

o acesso a todas as fontes de informação que julgamos necessárias para um amplo e completo esclarecimento da opinião pública, sobre as matérias que nos proponhamos abordar. Não queremos mais ter de andar de Erodes para Pilatos a mendigar informações que, desde sempre, sentimos ser nossa obrigação fornecer ao leitor mas que sucessivamente nos foram negadas, sob os mais diversos pretextos.

Postas estas breves linhas, cabe recordar que a «Fuga de Capitais em Moçambique» foi objecto de profundo trabalho em edição anterior de «Tempo». Os diversos processos utilizados foram então divulgados. Assim, a compra e transferência ile-

gal de moeda estrangeira será apenas uma peça de todo o xadrez, de todo um processo que não pode mais continuar a vigorar. Poderá não ser esta a parte mais importante nem a mais significativa, pelas cifras que movimenta. Mas, nem por isso deverá ser deixada no esquecimento.

## QUEM COMPRA «RANDS»?

Duma maneira geral todo o cidadão da classe média é um comprador de moeda metropolitana ou estrangeira, especialmente «rands», em potência. Não que, na maioria dos casos, movimente somas avultadas de cada vez mas pela regularidade com que a pretende adquirir. E dizemos pretende



# ERCADO NEGRO"

adquirir, dado que, ultimamente, é cada vez mais difícil trocar uma ou duas centenas de escudos moçambicanos por outra qualquer moeda.

Pelo que atrás ficou dito, poderá parecer que o moçambicano sofre de uma psicose colectiva que o leva a desejar possuir outra moeda que não seja a do território onde vive. Não é o caso. E as razões de tal procedimento são de todos soejamente conhecidas, perdendo-se numa infinidade de hipóteses, que se situam na razão directa do indeferimento de pedidos de transferência, por parte da Inspeção de Crédito e Seguros.

Sucede que ao ser recusada a transferência de al-

gumas centenas de escudos para auxiliar em tempo de aflição, para dar de prenda a um parente ou para custear a assinatura de uma publicação, surge a necessidade de obter qualquer moeda, das chamadas «moedas fortes», de aceitação assegurada fora de Moçambique. Por outro lado, a carência de uma infinidade de artigos e produtos, em Moçambique, motiva que muita gente se tenha habituado a recorrer a outros mercados para obter o que carece.

Parece assim explicada a corrida ao «rand», que desde há algum tempo se vem a registar. Mas este facto, mesmo aliado a uma possível diminuição do número de turistas sul-africanos que anualmente se deslocam a

Moçambique, será suficiente para explicar que cada vez seja mais difícil encontrar «rands» em Moçambique? Teremos de convir que não.

## NEGÓCIO ORGANIZADO

A época em que era possível trocar moeda moçambicana por moeda sul-africana, directamente ao turista que nos visitava e ao câmbio oficial, pertence ao passado. Hoje, o turista quando chega a Lourenço Marques já sabe onde se dirigir para trocar a sua moeda por valor superior ao estabelecido oficialmente, o que se pode constatar pelo seu comportamento quando em determinados locais não lhe é feito o câmbio por valores que sabe poder obter. Outros haverá, até, que fazem a troca antes de chegarem à capital.

O negócio do «rand» parece, assim, estar devidamente organizado através de um vasto sistema que se poderá estender além fronteira. De resto, só assim se poderá compreender que haja quem tenha em seu poder, ou possa dispor, de umas largas centenas de contos em «rands», oferecidos a um eventual comprador ao câmbio de cinquenta e quatro escudos.

Este, aliás, nem é caso único. Serve apenas de exemplo para ilustrar uma situação que, se aproveita a alguém, esse alguém é apenas o próprio negociante, que auferirá chorudos lucros. De resto, todos nós estamos a ser defraudados, ao ser defraudada a economia de Moçambique com a saída de avultadas somas sem qualquer controlo. Isto só trás à evidência que o sistema em vigor não é eficiente, ou foi tornado ineficiente por força dos condicionamentos impostos à transferência de capitais que, por sua vez, assentam em razões bem mais profundas. Desta forma, há que modifi-

car, actualizar e, sobretudo, fiscalizar, criando-se para tal os meios necessários, se for caso disso.

Desta forma, pode concluir-se que a par do cidadão esporadicamente interessado em obter algumas centenas de escudos em moeda estrangeira ou metropolitana, existem organizações que se dedicam à compra e venda ilegal de moeda, que em última instância, acaba por sair ilegalmente de Moçambique, ou locais onde se processam operações cambiais, sem serem os autorizados por Lei.

E não é difícil confirmar que assim é. Basta dar uma volta pelo Mercado Vasco da Gama, para não ir mais longe.

## SITUAÇÕES DUVIDOSAS

A corrida desenfiada que se está a verificar na compra e venda de moeda estrangeira e metropolitana teve a sua origem, ao que parece, quando alguns residentes em Moçambique se começaram a mostrar interessados em sair do território levando o produto dos seus bens, previamente vendidos, sem que tenham conseguido obter a necessária autorização de transferência. Assim se esboçou o movimento organizado para a compra de moeda, que chega a ser adquirida, em certos casos, mais cara cerca de cinquenta por cento do que o estabelecido oficialmente. Outros há, que continuando em Moçambique estarão igualmente interessados em transferir dinheiro para fora do território.

Um prédio e algumas casas comerciais da cidade, mudaram recentemente de dono e um cinema estaria para ser vendido. Entre as citadas transacções está a de um supermercado das organizações Ganha-Pouco, cujo proprietário abriu, entretanto, estabelecimento similar na Metrópole, o mes-



*Rand: muitos a quere-  
rem comprar, poucos a  
vender.*

# SITUAÇÃO ACTUAL INCITA À CANDONGA

mo sucedendo com outros antigos proprietários, em Lourenço Marques.

Partindo da situação atrás exposta, procurámos saber junto da Inspecção Provincial de Crédito e Seguros se haviam sido autorizadas transferências a membros de determinada comunidade religiosa de que parece fazerem parte as pessoas em questão. Porém, fomos informados que tal resposta só poderia ser dada ao interessado e que um residente em Moçambique quando pretenda deixar definitivamente este Estado só poderá transferir trinta por cento do rendimento declarado ao fisco.

Não é pois de excluir que certas transferências se verifiquem fora do controlo oficial, por mercado paralelo, analisada a situação à luz dos factos. Desta forma, torna-se imperioso incentivar a fiscalização para que possa ser evitada a sangria que se está a verificar, não esquecendo que a troca ilegal de moeda começa a ser feita junto à fronteira, quando não antes da sua passagem.